

O premiado 'Sirât' eleva o cacife do galego Oliver Laxe

PÁGINA 4



Joia do veterano Paul Schrader chega ao circuito

PÁGINA 5



O jardim pop de Leo Stuckert em exposição

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação

Por Affonso Nunes



O festival de música mais longo do Brasil está de volta ao alto do Morro da Urca. Em 2025, o TIM Music Noites Cariocas comemora 45 anos com uma edição especial no Parque Bondinho Pão de Açúcar, reunindo grandes nomes da música brasileira em dois fins de semana deste mês. Sob direção criativa de Luiz Calainho, o evento mergulha no clima nostálgico das décadas de 1980 e 1990 com atrações como Samuel Rosa, Barão Vermelho, Lobão, Monobloco, Adriana Calcanhoto e Durval Lelys, que revive os sucessos do Asa de Águia.

Criado por Nelson Motta nos anos 1980, o Noites Cariocas se transformou em símbolo da resistência cultural carioca ao longo de 14 edições, por onde passaram 132 artistas. A retomada do projeto se deu pelas mãos de Calainho e do empresário Alexandre Accioly, que compraram os direitos da marca e reposicionaram o festival como uma

experiência musical de alto impacto, unindo música, memória afetiva e paisagem.

Com ampla atuação no setor cultural, Luiz Calainho é hoje um dos principais nomes da indústria criativa no país. É um empresário de visão global e alma brasileira. À frente da holding L21 Corp, é gestor de espaços como os teatros Riachuelo, no Rio, e Alfa, em São Paulo. No teatro musical, consolidou-se com sucessos como “Elis, a Musical” e “A Noviça Rebelde” — este último bateu recordes em 2024, com 102 apresentações entre São Paulo e Rio e R\$ 10,7 milhões em bilheteria.

Calainho também é sócio das casas Blue Note no Rio e em São Paulo. E com a gravadora e produtora Musickeria cria projetos que conectam artistas e marcas, fortalecendo o mercado musical com inovação e estratégia. Nas páginas seguintes ele dá detalhes sobre a nova edição do Noites Cariocas e fala sobre os desafios de ser um empreendedor de economia criativa no Brasil. **Continua nas páginas seguintes**

Um empresário cultural de visão global e alma brasileira

Às vésperas de mais uma edição do TIM Noite Cariocas, Luiz Calainho conversa com o Correio, dá detalhes sobre o evento e comenta os desafios da produção cultural no país

ENTREVISTA / LUIZ CALAINHO, EMPRESÁRIO E PRODUTOR CULTURAL

‘Nenhum país do mundo tem a força criativa que o Brasil tem’

O que significa para você celebrar 45 anos do Noites Cariocas em 2025? Como foi o processo de curadoria para esta edição? Que critérios nortearam a escolha dos artistas?

LUIZ CALAINHO - Celebrar 45 anos do TIM Music Noites Cariocas em 2025 é absolutamente histórico. Essa história foi criada pelo genial Nelson Mota em 1980, quando aconteceu a primeira edição. Então lá se vão 45 anos da história da formação, da base do pop rock, a partir do Noites Cariocas, que foi criado em 1980. Então, para mim, significa fazer história. É o festival mais longo da história do país. Definitivamente é o festival que moldou e molda muitos gêneros, não só o pop rock, muitos gêneros. A curadoria dessa edição foi pensada justamente para celebrar os anos 80 e 90. Com Daniela Mercury, que vem dos anos 90. Barão Vermelho, que vem dos anos 80. O Durval, que nesse caso está representando o Asa de Águia, vem dos anos 90. O Barão Vermelho, que vem dos anos 80. Então a curadoria foi toda pensada dessa maneira, ou seja, celebrar os anos 80 e os anos 90.

A proposta nostálgica desta edição, com foco nos anos 80 e 90, surgiu de uma demanda do público ou foi uma decisão artística?

A decisão de celebrar os anos 80 e 90 veio de uma construção criativa nossa. Nesses 45 anos, vamos celebrar os anos 80 e os anos 90. Essa foi uma criação, um conceito elaborado por nós.

O Morro da Urca é um dos cenários mais icônicos do Rio. Até que ponto essa paisagem de cartão-postal influencia na concepção do evento?

“O Morro da Urca é, definitivamente, o palco mais lindo e único do planeta. Eu vi shows nos cinco continentes e não há lugar no mundo que se aproxime da energia, da vibe, de tudo que você tem ali”

O Morro da Urca, eu diria que é, e olha que eu tenho uma trajetória de 36 anos dentro da indústria da música, do entretenimento, da economia criativa. A verdade é que o Morro da Urca é definitivamente o palco mais lindo e único do planeta. Eu vi shows nos cinco continentes do mundo, cinco continentes, e não há lugar no mundo que se aproxime da energia, da vibe, de tudo que você tem ali.

Você começou na indústria fonográfica e depois migrou para o teatro e eventos culturais. O que motivou essa transição?

Eu comecei, de fato, toda a minha jornada na indústria da música, primeiro como diretor de marketing da Sony Music do Brasil, depois como vice-presidente. A minha jornada na gravadora, na companhia, foi de 1990 até 2000. E de fato, eu mergulhei no mundo da economia criativa, no mundo da arte, da cultura, não só no Brasil, como no mundo até porque a música está em tudo. A partir do momento que eu decido me transformar no empresário do setor da economia criativa, é evidente que eu decidi abrir o leque, tanto que fui para o teatro, através da Aventura, para uma série de eventos, como, por exemplo, a Arte Rio. E o que está por trás disso, o que me motivou a fazer isso foi a riqueza artística, criativa que o Brasil tem, não comparada

a nenhum país do mundo. Nenhum país do mundo tem a força criativa que o Brasil tem. É muito impressionante. Então isso me motivou a justamente passar a investir no setor.

O mercado de música ao vivo viveu grandes mudanças nos últimos anos. O que você enxerga como tendência para o futuro dos festivais no Brasil?

O mercado de música cresceu, e cresceu muito aqui no Brasil a pandemia que, obviamente, ninguém gostaria que tivesse ocorrido, por motivos óbvios, tantos óbitos e tantas famílias aí que sofreram e sofrem até hoje, sem dúvida. Mas posto isso, o que é o mais importante, a verdade é que a pandemia ampliou o interesse por arte, por cultura, por música, porque as pessoas estavam ali, presas em casa, no isolamento, e aí a válvula de escape foi a arte, foi a cultura, foi a música. Então, ampliou muito o volume de pessoas interessadas nisso e, da mesma maneira, o volume de patrocinadores também interessados em estar conectados a conteúdos. Então, a gente experimentou aí no pós-pandemia um boom muito grande. Claro que houveram aí alguns que eu chamaria de curiosos, gente que não tinha exatamente o conhecimento para botar de pé grandes espetáculos, festivais, etc. Mas agora já está depurado e o mercado. E isso segue crescendo. O momento é espetacular.

Como a sua experiência como executivo de uma gravadora influenciou sua atuação atual como empreendedor cultural?

O fato de eu ter sido executivo de uma grande gravadora, que foi a Sony Music, me deu muita experiência para ser um empreendedor cultural. Como eu disse, na Sony Music eu viajei os cinco continentes, fui para muitos países, mais de 30 países, e mesmo no mundo da economia criativa, porque realmente música está em tudo. Então isso me deu uma base muito importante para construir a minha jornada empresarial com muito profissionalismo, mas muito conhecimento artístico no Brasil e no mundo. Então, a minha experiência em gravadora foi fundamental.

Qual é o seu maior desafio pessoal hoje como produtor e gestor cultural?

O maior desafio hoje, como produtor, gestor cultural, empresário de segmento da economia criativa, é seguir inovando, seguindo o formato de construir conteúdos disruptivos, sempre pensando além, em novos artistas, em novos projetos, em novos formatos, em novas dinâmicas. Então, o grande desafio é seguir criando, criando muito, mas, ao mesmo tempo, seguir inovando e inovando muito.

Divulgação



“É muito importante que o poder público compreenda a dimensão da economia criativa desse país. É, de fato, o maior produtor de arte e cultura do mundo. Então é fundamental investir em arte, cultura e música”

Fale um pouco de sua atuação na Musickeria.

Musickeria é hoje um misto de uma gravadora com uma agência e com uma produtora, operando em dois braços. Ela tem o braço como uma gravadora clássica, a gente tem uma série de projetos, artistas contratados. O mais proeminente deles é o Samba Book, que é uma grande celebração, há grandes nomes do samba, é uma grande plataforma, aliás, a maior plataforma do samba hoje no país é da Musickeria, é o Samba Book, acabamos de lançar, inclusive, o Samba Book da gigante Beth Carvalho. E a Musickeria tem sido um dos grandes agentes no mercado que tem aproximado as grandes marcas, as grandes empresas, os grandes patrocinadores, a arte, a cultura e a música.

Ainda há preconceito em misturar música e marcas? Como quebrar essa barreira?

Eu diria que não há mais preconceito em misturar marcas e conteúdos e música e arte e cultura não. Pelo contrário, o Brasil hoje é linha de ponta, está realmente no topo da pirâmide do conceito de conexão e sinergia de grandes marcas, grandes empresas com conteúdos relevantes, conteúdos de alta excelência, conteúdos que fazem a diferença. A minha visão inclusive é que as marcas, na medida que você constrói jornadas muito bem desenhadas, definidas, etc., as marcas podem sim valorizar conteúdos, e elas valorizam. É o caso do TIM Music Noites Cariocas, é o caso do BTG Pactual Hall, é o caso das marcas que estão no Rock in Rio. Então hoje não há mais

esse preconceito. Pelo contrário. Eu repito, o Brasil hoje é ponta de lança das melhores práticas, dos melhores conceitos criativos. Melhores visões onde você conecta de forma sinérgica e de forma, eu diria, holística, grandes empresas, grandes marcas a conteúdos, a arte, a cultura, a música.

O que falta para o Brasil ter uma política pública sólida e contínua para o setor cultural, que não dependa de mudanças de governos?

Na verdade, o Brasil está caminhando e caminhando bem para cada vez mais se solidificar como um grande produtor de conteúdo. Uma recente pesquisa conduzida pelo Instituto Cultural Itaú identificou que o campo da economia criativa significa já 2,65% do PIB total brasileiro. Então hoje o campo da economia criativa, e a música está inserida nisso, ele já está muito solidificado. E só por de vista público, a gente tem hoje importantes mecanismos de leis, de incentivos, que têm sido fundamentais. Independente das trocas de governo, felizmente, seja no campo federal, estadual ou municipal, independente de quem está na cadeira executiva, as leis tem seguindo e muito sólidas. Agora, sempre muito importante que o poder público compreenda a dimensão da economia criativa desse país. É, de fato, o maior produtor de arte e cultura do mundo. Então o poder público tem que cada vez mais solidificar o seu entendimento de que a cultura molda a personalidade de um país. Então é fundamental investir em arte, investir em cultura, investir em música. É claro que a França é reconhecida pela sua arte, pela sua cultura, os Estados Unidos da mesma maneira, a China agora, enfim, tantos países.

Você é um observador atento da cena musical. Como está vendo essa nova geração de artistas, a novíssima MPB? Há nomes que te empolgam?

A gente precisa ainda fortalecer, sendo que eu entendo que a gente vem em um caminho de fortalecimento. Muitos nomes hoje empolgam a cena musical, há muitos nomes. Claro que você tem aí gêneros mais populares, que têm muita preponderância, mas há nomes espetaculares surgindo na cena. O Brasil segue sendo. Um grande produtor, entre aspas, de grandes talentos, como, por exemplo, Agnès Nunes, como, por exemplo, o Theo Bial. Enfim, muitos nomes que estão pintando artistas de altíssimo nível, a Xênia França, enfim, muitos nomes. Então, eu vejo com muito orgulho e muito otimismo o volume de grandes artistas que o Brasil hoje tem produzido.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde sua primeira exibição mundial, no dia 15 de maio, nas telas do Festival de Cannes, tendo os irmãos Agustín e Pedro Almodóvar entre seus produtores, “Sirât” ganhou o status de “filme obrigatório” por apostar num casamento (raro) de transcendência espiritual e experimentação formal ao falar de perdas e reconfigurações. Tratado como um dos favoritos à Palma de Ouro de 2025 desde sua projeção inicial, deixou a Croisette com o Prêmio do Júri, dado a seu diretor, o galego nascido em Paris Oliver Laxe, num empate com o filme alemão “Sound of Falling”, de Mascha Schilinski.

Cerca de uma semana após o fim da maratona cinéfila da Côte d’Azur, sites e revistas estrangeiras seguem a incensar sua dramaturgia de tons existencialistas, enquadrando-a como um dos longas-metragens mais possantes do ano. Uma enquete organizada pelo jornalista Christian Blauvelt para a “IndieWire”, com 48 críticos estrangeiros, elegeu-o como “O” melhor de Cannes, incluindo “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, em quinto lugar em seu pódio.

Laxe também foi citado na votação de Melhor Roteiro. Ninguém ignorou “Un Simple Accident”, que rendeu a Palma ao iraniano Jafar Panahi, respeitado pela imprensa com unanimidade, por sua obra, por sua vivência da brutalidade institucional de sua pátria e pela poesia em seu modo de narrar. Ele entrou na lista montada por Blauvelt, mas ficou atrás de Laxe, que renovou seu prestígio e a atual fase de excelência da Espanha na telona.

Depois de ter interrompido seu ciclo de longas no Marrocos (“Mimosas”; “Todos Vós Sodes Capitães”) para filmar “O Que Arde” (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de 2019) na sua Galícia natal, Laxe retornou aos desertos do norte da África para um périplo que começa numa micareta de música eletrônica e passa por um chão de minas explosivas, numa triagem de violências históricas. Insiste, contudo, que sua mirada não é de desesperança, mas, sim, de aliança. “Parece que temos um horizonte duro, mas ele, no fundo, é protetor, o que exclui a solidão, sempre estamos acompanhados. O filme mostra que quando o indivíduo se fratura ele se instaura num lugar do coletivo”, disse o realizador ao Correio da Manhã em Cannes.

Capaz de ser radical e melífluo ao mesmo tempo, numa realização ousada, “Sirât” é batizado em referência a um percurso de fé: “Esse nome se refere ao caminho que liga o Inferno ao Céu, como se fosse um espaço de transfor-



Luis (Sergi Lopez, de camisa azul, à direita) vive um pai em busca da filha em ‘Sirât’, de Oliver Laxe

Rave da excelência

Rodrigo Fonseca



Ganhador do Prêmio do Júri de Cannes, ‘Sirât’ dispara em enquetes sobre o melhor do festival deste ano e consagra o diretor Oliver Laxe no atual cenário de produção da Espanha

que se desmaterializa ao passar do bate-estacas da música techno a uma instância quase celestial de esoterismo”.

Na trama de “Sirât”, um pai (Sergi López) e o filho chegam a uma rave perdida nas montanhas do sul do Marrocos. Eles estão à procura de Mar – filha e irmã – que está desaparecida há vários meses numa dessas festas intermináveis. Imersos na melodia bate-estaca e numa liberdade crua que lhes é estranha, eles distribuem incansavelmente a foto dela à espera que alguém a reconheça. A esperança vai-se esvaindo, mas eles perseveram e seguem um grupo de ravers para uma última festa nas montanhas. À medida que se aprofundam na imensidão escaldante, a jornada leva-os a confrontar os próprios limites.

“Falam comigo sobre ‘Mad Max’, por conta do terreno arenoso, mas minha referência gravitou mais pelo filme ‘Stalker’, pela obra de Robert Bresson e pelo cinema americano dos anos 1970”, disse Laxe.

Na próxima segunda, “Sirât” será exibido no Festival de Sydney, na Austrália. Estima-se que ele chegue ao Brasil em outubro.

mação”, disse Laxe na coletiva de Cannes.

Tudo começa com uma rave no Marrocos, num espaço desértico de rocha e areia. Amalgamada à fotografia de Mauro Herce, a engenharia de som consegue transportar o público para aquela paisagem numa fricção sinestésica.

“Amo a cultura rave e queria partir dela para cruzar o limite do que é humano ao seguir uma figura que confronta com o abismo. Tenho uma equipe fiel, que é uma família, que está sempre comigo na construção dos meus filmes. Eles são, sim, complicados de fazer”, confessou Laxe ao Correio. “É um filme

Divulgação



Richard Gere interpreta um documentarista em estado terminal em 'Oh Canadá', que retoma sua parceria com Paul Schrader 44 anos depois de 'Gigolô Americano'

Paul Schrader, o pastor de imagens

Mítico roteirista, o cultuado realizador de 'Fé Corrompida' renova seu prestígio no terreno do audiolivro ao passo que mobiliza telas com 'Oh, Canadá' e ocupa streamings com sua obra

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A caminho de seu 79º aniversário, a ser celebrado no próximo 22 de julho, Paul Schrader não tem registros de novos filmes para rodar daqui até lá, mas anda onipresente no streaming e tem uma joia inédita em circuito nacional para lançar entre nós na quinta-feira: "Oh, Canadá". Celebrado como um pilar do roteiro nos Estados Unidos, com "Taxi Driver" (1976) e "Touro Indomável" (1980) no currículo, ele concorreu à Palma de Ouro de Cannes com seu recente exercício pela direção, apoiado no carisma de Richard Gere.

Em 1980, os dois trabalharam em "Gigolô Americano", que pode ser visto hoje na Prime Video da Amazon, e virou um marco da representação masculina na América yuppie. Agora, na nova parceria, eles unem forças num estudo sobre desapontamentos em relação a uma nação, expresso numa saga de deserção. A base do projeto é o romance "Foregone", escrito por Russell Banks, que assume um ás da não ficção como protagonista. A partir dele, Schrader presta tributo à tradição do documentário.

"Quando peguei o livro, já havia um documentarista no papel central. Cannes recebeu faz pouco um mestre desse setor, Frederick Wiseman. Houve uma revolução a partir do real nas formas de se fazer cinema nos

Estados Unidos, entre o fim dos anos 1960 e os 80, e eu fui parte dela. Sabíamos que estávamos mudando o conteúdo dos filmes", disse Schrader ao Correio da Manhã em Cannes. "Em anos recentes, deixaram de fazer cinema pensando na inteligência do público", disse o cineasta, em solo carioca, ao receber uma retrospectiva no Festival do Rio, em 2013.

Desde então, ele dirigiu alguns de seus mais inspirados filmes, como a comédia criminal "Cães Selvagens" ("Dog Eat Dog"), com Nicolas Cage e Willem Dafoe, projetada no desfecho da Quinzena de Cineastas de Cannes, em 2016. Ela hoje está na Amazon. Por lá também se vê a obra-prima de Schrader como realizador: "Fé Corrompida" ("First Reformed", 2017), que lhe rendeu uma indicação ao Oscar e 62 prêmios ao mostrar os dilemas existenciais de um capelão militar (Ethan Hawke) apaixonado por uma jovem grávida. "Oh, Canadá" se enquadra na esfera de seus trabalhos mais inspirados. No longa que estreia amanhã, o realizador Leonard Fife (Gere, em firme atuação), decide dar seu depoimento a um ex-aluno, revelando como sua carreira e reputação de ícone progressista foram construídas com base em mentiras e meias-verdades que nem mesmo sua companheira conhecia. Ele relembra, por exemplo, do tempo em que desertou da Guerra do Vietnã. É um estudo sobre o pacifismo e a noção de pátria. Fife é vivido por Jacob Elordi em sua fase mais jovem.

Esta semana, Schrader fez um post nas redes sociais para comemorar a exibição de um de seus clássicos, o thriller "Hardcore:

No Submundo do Sexo" (1979), num festival em Tóquio. Suas postagens mais recentes têm cercado notícias e obituários, mas ele costuma ter um dedo nervoso no Facebook. Ativíssimo (muitas vezes, ferino) online, com desabafos passionais sobre os longas que amou ("A brilhante biografia de Bob Dylan, 'Um Completo Desconhecido' é o meu filme favorito de 2024", escreveu), o cineasta estreou este ano no formato audiobook, com o lançamento de uma versão em áudio de seu seminal livro de ensaios "Transcendental Style In Film: Ozu, Bresson, Dryer". Na Amazon, rola a chance de comprar a versão portuguesa (em papel) de seu monumental estudo sobre mestres da tela por R\$ 141,37, numa publicação da lusitana Edições 70. Traduções mais recentes desse seu tratado sobre linguagem cinematográfica pipocaram conforme o cineasta viu seu prestígio subir de patamar com os elogios a "Oh, Canadá").

Fama pela escrita

Contemporâneo de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Brian De Palma e Steven Spielberg nesse movimento, ele fez fama pela escrita de roteiros antes de estrear como realizador, em 1978, com "Vivendo na Corda Bamba". Dirigiu cults como "A Marca da Pantera" (1982), "Mishima: Uma Vida Em Quatro Atos" (de 1985, hoje disponível na MUBI) e "Auto Focus" (nomeado à Concha de Ouro de San Sebastián em 2002). Uma de suas mais recentes (e melhores) incursões por trás das câmeras está no cardápio da Amazon: "O Contador de Cartas" ("The Card Counter"). Eleito pela revista "Cahiers du Cinéma" (bíblia do audiovisual) um dos dez melhores filmes de 2021, esse thriller concorreu ao Leão de Ouro de Veneza. Nele, o ator Oscar Isaacs vive William Tell, um ex-militar com TOC que virou um bamba do carteadado ao largar uma vida na caserna na qual coordenava tortura.

Na Amazon Prime, Schrader comparece com o devastador "O Jardim dos Desejos" (2022). Há um momento sublime de catarse nesse thriller no qual o protagonista, o jardineiro Narvel Roth (Joel Edgerton), passa por uma mata de beira de estrada e a vê florescer, vicejando flores reluzente em plena noite. Ainda na Amazon, Schrader comparece com "Temporada de Caça" ("Affliction", 1997). Esse filmaço conta com um elenco em estado de graça, coroado por um Oscar de Melhor Coadjuvante dado a uma lenda do cinema moderno, James Coburn (1928-2002).

Vários desses elementos, que traduzem os demônios dos EUA, estão em "Oh Canadá", que pode ser encarado, desde já, como um dos achados deste semestre nas telas.

CRÍTICA / FILME / ENTRE DOIS MUNDOS

Curiosa inversão de expectativas

Divulgação



Juliette Binoche vive uma escritora premiada que trava contato com realidade cruel do mercado de trabalho ao se empregar como faxineira em 'Entre Dois Mundos'

Por **Sérgio Alpendre**
(Folhapress)

Com atraso considerável, estreia “Entre Dois Mundos”, longa francês do escritor e cineasta bissexto Emmanuel Carrère, estrelado por Juliette Binoche e exibido no Festival de Cannes de 2021. A demora da estreia não tem muita relação com a qualidade. Filmes excelentes esperam anos numa gaveta de distribuidora, sendo por vezes lançados diretamente em streaming, enquanto outros, sofríveis, entram logo em circuito comercial.

Binoche é uma premiada escritora que resolve escrever um livro sobre a precariedade do trabalho. Para isso ela se muda de Paris para Caen, no norte da França, onde

começa a trabalhar como faxineira, na estação de balsas de Ouistreham, que leva passageiros para Portsmouth, na Inglaterra.

Mas tudo isso vamos descobrindo aos poucos, pois o filme procura desconstruir a estrela Binoche do mesmo modo que a autora consagrada resolve viver a vida como uma pacata faxineira.

O filme começa com uma jovem loira andando apressada pelas ruas de Caen. Ela entra na agência de emprego aparentando pouca paciência. Uma funcionária da agência chama por Marianne Winckler, e uma outra mulher, que estava sentada, olha para trás e se levanta. É Binoche.

Enquanto Marianne caminha até a mulher que a chamou, a loira apressada de antes entra na sua frente e começa a discutir com a

funcionária. Essa loira, que depois saberemos ser Chrystèle, vivida por Hélène Lambert, é encaminhada para um outro setor, para onde vai, ainda impaciente. Marianne é então atendida.

Curiosa inversão de expectativas. Muitas vezes vimos no cinema uma falsa protagonista dando lugar à verdadeira protagonista. Aqui, isto acontece para tirar o peso da estrela Binoche, apresentá-la em uma situação desfavorável, uma desempregada que é atravessada por outra. O espectador que não ler a sinopse, não saberá ainda quem ela é no filme.

Marianne não conhece ninguém em Caen. Ela parece gostar de não ter mais contato com as pessoas de Paris, onde ela morava. Uma personagem em fuga temporária de sua vida pregressa, disposta

a experimentar novos desafios para sua criação artística.

Ela se torna amiga de duas outras faxineiras, a jovem Marilou, personagem de Léa Carne, e Chrystèle, a apressada que a atravessara no início.

Outras pessoas passam por ela, tornando a experiência mais palatável, até mesmo fascinante nesses encontros. Uma das primeiras é Cédric, personagem de Didier Pupin, um homem simpático e respeitoso, que logo deixa claro um interesse maior por ela, além da amizade.

Por mais que outras pessoas surjam, é com Chrystèle e Marilou que Marianne vai formar um núcleo tão forte e prematuro de amizade que elas combinam de se encontrar todo 4 de abril para comemorar a data em que se aproximaram.

Há um problema sério com a protagonista, levado com frontalidade pelo filme. Ao mentir sobre sua história de vida, ela trai a confiança das duas amigas, como se as usasse como meio de fazer sucesso, abandonando-as quando a conveniência a chamar.

É precisamente a queixa que alguns intelectuais fazem do trabalho do recém-mortofotógrafo Sebastião Salgado. Segundo eles, Salgado explora a miséria humana para se dar bem artisticamente. Para a maioria, contudo, ele joga luz, como artista consagrado, num problema que outros preferem ignorar.

O modo mais digno de Marianne fazer sua pesquisa seria passar um tempo com as faxineiras, entrevistando-as, acompanhando-as no trabalho, mas sempre jogando limpo. Ao fazer isso, ela não sentiria na pele a dureza do trabalho. Talvez seu livro ficasse menos realista, embora realismo como baliza de qualidade seja bem discutível em arte.

De todo modo, há algo que sempre vai separá-la das novas amizades. Ela não precisa estar ali. Se a coisa apertar, ela pode desistir e se recolher no conforto, enquanto Chrystèle e Marilou jamais teriam essa opção.

“Entre Dois Mundos” é o segundo longa de ficção de Carrère. Ele mesmo escreveu o roteiro, com Hélène Devynck, adaptação de uma história escrita por Florence Aubenas.

Seu primeiro longa de ficção é o curioso “O Bigode”, de 2005, adaptação de seu próprio livro sobre as consequências na vida do personagem de Vincent Lindon depois que ele resolve raspar o bigode, companheiro de toda a vida adulta.

Como cineasta, Carrère ainda está engatinhando. Mas já se nota, neste segundo longa, uma evolução com relação ao primeiro, até mesmo na coragem de tocar em questões éticas. O começo da carreira como crítico de cinema da Positif e da Télérama o ajudaram a ter uma base sólida nas duas artes.

Fernando Ocazone/Divulgação

Tragédias íntimas entrelaçadas

Dirigido por Marta Paret, espetáculo ‘Histórias Veladas’ dá voz a experiências femininas

Dirigido por Marta Paret, o espetáculo “Histórias Veladas” ocupa o Retrato Espaço Cultural, na Glória, com sessões aos sábados, às 19h30, até sábado. Com estrutura intimista, o trabalho se debruça sobre vivências do universo feminino, trazendo à cena temas como assédio, sexualidade, relações abusivas, aborto, bullying, maternidade e transição de gênero.

A ideia do projeto nasceu a partir da leitura de “Explosão Feminista”, de Heloísa Buarque de Hollanda. “O livro me provocou de maneira vigorosa. E eu percebi que era muito importante trazer pro teatro nosso universo feminino, a partir das nossas vivências”, expli-

ca a diretora, que há 15 anos pesquisa formas de expressão dramática fora dos palcos convencionais e foi indicada ao Prêmio APTR em 2020.

A montagem reúne no elenco as atrizes Ângela Câmara, Beatriz Marques, Dayse Pozato, Flávia Fafiães e a própria Marta Paret, que também assinam os textos que interpretam em cena. O espaço cênico, delimitado por uma instalação de luz, estabelece uma atmosfera sensorial e aproxima atrizes e espectadores, convidando o público a uma experiência imersiva e de cumplicidade. A iluminação assinada por Paulo Denizot, indicada ao Prêmio Shell em 2020, atua como elemento dramaturgico e conduz a narrativa — ora realista, ora onírica — evocando o caráter fragmentado da memória.

SERVIÇO

HISTÓRIAS VELADAS

Retrato Espaço Cultural (Rua Benjamin Constant, 117, Glória) | Sábado (7), às 19h30 | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



A montagem reúne no elenco as atrizes Ângela Câmara, Beatriz Marques, Dayse Pozato, Flávia Fafiães e a própria Marta Paret

Delírio e cena no mesmo corpo

Coletivo Delicadas Criaturas leva à Sala Preta o monólogo ‘9’, que articula loucura, teatro e memória

Aos 85 anos, a ex-atriz Laura Gomes vive isolada após um episódio traumático. Seu diagnóstico flutua entre esquizofrenia e transtorno dissociativo de identidade. Em estado catatônico, ela se cala para o mundo, mas, em rompantes compulsivos, sua voz explode no palco, encarnando personagens femininas da tradição ocidental — de Shakespeare a Molière, de Brecht a Sófocles. É nesse limiar entre colapso psi-



Em ‘9’, Nara Keiserman dá vida a uma ex-atriz em estado de delírio

quico e arte cênica que se constrói o espetáculo “9”, que reestrea nesta sexta-feira (6) no Espaço Sergio Porto, no Humaitá.

Dirigido por Demetrio Nicolau, com dramaturgia assinada por ele e por Nara Keiserman, o monólogo convida o público a refletir sobre o papel da arte — e do próprio teatro — como possibilidade de cura ou escuta diante do sofrimento mental. A plateia assume a função simbólica de teste-

munha, mas também de colaboradora do processo terapêutico, como se estivesse integrada a um experimento cênico-médico em tempo real. “Será que as comunidades médica e teatral são capazes de colaborar com a cura de Laura Gomes?”, provoca o coletivo Delicadas Criaturas, que assina a montagem.

No palco, a atriz Nara Keiserman interpreta nove personagens femininas clássicas,

Renato Mangolin/Divulgação

SERVIÇO

9

Espaço
Sergio
Porto (Rua
Humaitá,
163)

De 6 a 29/6,
às quintas e
sextas (20h)

Ingressos:
R\$ 60

organizadas em torno dos chamados “nove rasas” — as emoções fundamentais descritas no “Natyasastra”, tratado indiano milenar sobre performance. Essa concepção estética serviu de base para o rasaboxes, método de preparação do ator criado por Richard Schechner, referência do teatro performativo contemporâneo.

A cada mudança emocional, uma nova persona se revela. O cenário, os figurinos e a luz são mínimos, quase invisíveis, e funcionam como suporte para uma composição centrada no trabalho vocal e gestual da intérprete. Cada personagem ganha corpo e timbre próprios, refletindo com precisão a emoção central que a move. O resultado é uma partitura cênica meticulosa, que oscila entre o lirismo e o desamparo, entre o riso e o abismo.

“9” é o terceiro trabalho do Delicadas Criaturas, coletivo criado em 2021 por Demetrio Nicolau, Nara Keiserman, Marcus Fritsch e Carlos Alberto Nunes. A proposta do grupo nasce da crença de que a delicadeza, longe de ser fragilidade, é potência — um modo de estar no mundo que resiste à brutalidade cotidiana e encontra no teatro um espaço de pausa, escuta e presença.



O jardim pop de Leo Stuckert

Artista estreia individual com obras gravitando entre memória e fantasia

Por Affonso Nunes

A cultura pop das décadas de 1970 e 1980 inspira a primeira exposição individual de Leo Stuckert, que estreia como artista visual com “Luz e Sombra no Meu Jardim”, em cartaz na Galeria Maria de Lourdes Mendes de Almeida, em Ipanema. A mostra, com curadoria de Denise Araripe e texto crítico de André Sheik, reúne 19 pinturas inéditas que transitam entre o lúdico e o nostálgico.

Após mais de uma década de pesquisa e produção, Leo Stuckert apresenta uma série de obras criadas com tinta acrílica e técnica de transferência de imagens sobre tela e papel. A inspiração vem de suas memórias de infância e de referências como brinquedos, histórias em quadrinhos, arquitetura urbana e trilhas sonoras que marcaram sua juventude – do rock ao cancionero brasileiro. Cada



O trabalho de Leo Stuckert é marcado por camadas de gestos e significados, que transformam cenas banais em imagens capazes de oferecer instantes de contemplação em meio ao caos cotidiano

obra nasce ao som de uma música diferente, como um processo sinestésico em que cores e formas dialogam com melodias.

A exposição sugere um mergulho em paisagens imaginárias e psicodélicas, organizadas como composições que resgatam, de forma lírica, fragmentos afetivos do passado. Os títulos das obras, como “Algodão doce”, “Caravana da alegria” e “A(voo) em psico(r)delia”, revelam a proposta de revisitar o passado não como fuga, mas como um lugar fértil para imaginar futuros possíveis. “Isso me permite refletir sobre diversão, pensar novos futuros, povoados de velhos amigos e novos personagens que caminham sobre antigas paragens”, diz o artista.

Para a curadora Denise Araripe, o trabalho de Stuckert é marcado por camadas de gestos e significados, que transformam cenas banais em imagens capazes de oferecer instantes de contemplação em meio ao caos cotidiano. “Sua pintura é uma janela para momentos de quietude na correria urbana. Leo é um narrador de ‘não acontecimentos’ que nos traz lembranças do que jamais vivemos”, afirma.

A exposição inclui também outras ações: no dia 21 de junho, será lançado o catálogo da mostra, com conversa entre o artista, a curadora e o crítico; e no dia 28, o encerramento contará com uma celebração multisensorial, com projeções de obras e apresentações musicais.

SERVIÇO

LUZ E SOMBRA NO MEU JARDIM

Galeria Maria de Lourdes Mendes de Almeida (Rua Teixeira de Melo, 31, Ipanema) | De 4 a 28/6, de terça a sábado (14h às 19h) | Entrada franca